

Antonio Di Benedetto



MUNDO ANIMAL E
OUTROS CONTOS

tradução:
André de Oliveira Lima

prefácio:
Martín Kohan



EDITORA
GLOBO

Copyright © Luz Di Benedetto c/o Adriana Hidalgo S.A.

Copyright © Luz Di Benedetto, 2000

Copyright © Adriana Hidalgo Editora S.A., 2000

Copyright da tradução © 2008 by Editora Globo S.A.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de bancos de dados, sem a expressa autorização da editora.

Títulos originais:

Mundo animal y El cariño de los tontos e Cuentos claros

Revisão: Beatriz de Freitas Moreira, Otacílio Nunes e Valquíria Della Pozza

Capa: Ettore Bottini

Foto de capa: © Joe McDonald/CORBIS

1ª edição, Editora Globo, 2008

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Di Benedetto, Antonio, 1922-1986.

Mundo animal e outros contos / Antonio Di Benedetto; tradução
André de Oliveira Lima. — São Paulo: Globo, 2008.

Título original: Mundo animal: cuentos

ISBN 978-85-250-4378-8

1. Contos argentinos 1. Título

07-7804

CDD-ar863

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos: Literatura argentina ar863

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil
adquiridos por Editora Globo S.A.

Av. Jaguaré, 1485 — 05346-902 — São Paulo — SP

www.globolivros.com.br

SUMÁRIO

Prefácio, por Martín Kohan	9
BORBOLETAS DE KOCH	15
AMIGO INIMIGO	18
NINHO NOS OSSOS	23
É SUPERÁVEL	27
REDUZIDO	34
TROCAS COM MORTE	37
HOMEM-CACHORRO	40
EM VERMELHO DE CULPA	45
AS PODEROSAS IMPROBABILIDADES	50
VOAMOS	57
SUSPEITAS DE PERFEIÇÃO	59
ALGO DO MISTÉRIO	69
BISCOITO PARA TRAÇAS	73
A COMIDA DOS PORCOS	76
SALVADA PUREZA	78
CAVALO NO SALITRAL	81
O CARINHO DOS TONTOS	91

por Deleuze e Guattari). Com a “disposição para o simbolismo”, perde-se nem mais nem menos que isto: a realidade, “a realidade pura e simples”.

A realidade pura e simples, diz Antonio Di Benedetto, é o objeto por excelência da sua literatura. E ele concebeu a escrita mais adequada para mostrá-la assim, pura e simples (os artifícios de escrita que permitem percebê-la assim, pura e simples). Os momentos de maior intensidade narrativa provêm nos seus textos da absoluta quietude; os personagens dos seus relatos resultam tanto mais intensos quanto mais retraídos são. A quietude, a detenção: o menino que se encolhe na cama, o trem ou a zorra que param em plena via, o cavalo estancado na planície: visões de um drama de sofrimento ou de morte, mas sempre na quietude. O império passivo dos cavalos, dos retraídos, até dos tontos, ou da inocência convertida no seu contrário. A quietude e o mostrar a quietude, mas elevados à potência do trágico. “As crianças estão como que extenuadas pelo que não ocorre” é dito em uma passagem de “Cavalo no salitral”. Di Benedetto imprime, nisso que não ocorre, nisso que deixa de ocorrer ou que esteve a ponto de ocorrer, a intensidade suspensa do que, sim, ocorre. O apenas mostrar exige reticência, mas não prescindência; tampouco impassibilidade. A quietude comove. Não há nada neste mundo que afete mais que um miradouro.

MARTÍN KOHAN

BORBOLETAS DE KOCH

DIZEM QUE CUSPO sangue e que logo morrerei. Não! Não! São borboletas vermelhas. Vocês verão.

Eu via o meu burro mascar margaridas e presumia que essa placidez de vida, essa serenidade de espírito que lhe ultrapassava os olhos, era obra das cândidas flores. Um dia, quis comer, como ele, uma margarida. Estendi a mão e, nesse momento, pousou na flor uma borboleta tão branca como ela. Eu disse para mim: por que não também? E a levei aos lábios. É preferível, posso dizer, vê-las no ar. Têm um sabor que é tanto de óleo quanto de ervas ruminadas. Tal, pelo menos, era o gosto dessa borboleta.

A segunda me deixou só cócegas insípidas na garganta, pois se introduziu ela mesma, em um vôo, presumi eu, suicida, atrás dos restos da amada, a deglutida por mim. A terceira, como a segunda (o segundo, deveria dizer, acredito eu), aproveitou a minha boca aberta, não já pelo sono da sesta sobre o pasto, mas sim pelo meu modo um tanto estúpido de contemplar o trabalho das formigas, as quais, por sorte, não voam, e, as que o fazem, não voam alto.



A terceira, estou persuadido, há de ter tido também propósitos suicidas, como é próprio do caráter romântico presumível em uma borboleta. Pode-se calcular seu amor pelo segundo e, da mesma forma, podem-se imaginar seus poderes de sedução, capazes, como foram, de fazer cair no esquecimento a primeira, a única, devo esclarecer, submergida — morta, ademais — por minha culpa direta. Pode-se aceitar, igualmente, que a intimidade forçada em meu interior há de ter facilitado os propósitos da segunda das minhas habitantes.

Não posso compreender, em compensação, por que o casal, tão novo e tão disposto às loucas ações, como bem ficou provado, decidiu permanecer dentro, sem que eu lhe estorvasse a saída, com a minha boca aberta, às vezes involuntariamente, outras de forma deliberada. Mas, em detrimento do estômago pobre e desabrido que me deu a natureza, hei de declarar que não quiseram viver nele por muito tempo. Mudaram-se para o coração, mais reduzido, talvez, porém com as comodidades de um lar moderno, estando dividido em quatro apartamentos ou cômodos, se assim se prefere chamá-los. Isto, sem dúvida, aplanou inconvenientes quando o casal começou a se rodear de pequeninos. Ali viveram, sem que na sua condição de inquilinos gratuitos pudessem se queixar do dono da casa, pois, ao fazê-lo, pecariam inadequadamente por ingratidão.

Ali estiveram elas até que as filhas cresceram e, como vocês compreenderão, desejaram, com sua inexperiência, que até nas borboletas põe asas, voar além. Além era fora do meu coração e do meu corpo.

Assim é que começaram a aparecer estas borboletas tingidas no fundo do meu coração, que vocês, equivocadamente, chamam de cusparadas de sangue. Como vêem, não o são, sendo, puramente, borboletas vermelhas do meu vermelho sangue. Se,

em vez de voar, como deveriam fazer por ser borboletas, caem pesadamente no solo, como coágulos que vocês dizem que são, é só porque nasceram e se desenvolveram na escuridão e, conseqüentemente, são cegas, as pobrezinhas.

AMIGO INIMIGO

ERAM DO MEU pai e ficaram para mim. Talvez eu nunca toque neles. São duas caixas de livros de química antiga que se alternam com cabalísticos, astrológicos e quiromânticos. Com os de química, ele não queria fazer nada de bom: falsificar vinhos e licores. Acho que fez isso porque são mais eficazes que qualquer um dos outros, o adivinhador da loteria, por exemplo. Vieram comigo a todas as pensões porque eu não me atrevo a vendê-los nem a jogá-los fora. Têm algo do meu pai ou ele tinha algo deles, e eu nada tenho dele, exceto isto.

Exceto isto e a mudez. Ele não era mudo, não. Mas foi por ele. Eu tinha dezenove anos e estava apaixonado. Entrei no banheiro e ali estava o meu pai, na banheira, sob o chuveiro, sim; mas pendurado no cano da ducha.

* * *

O rato, que de tão jovem podia ser confundido com um camundongo, entrou de dia, durante a sesta, talvez em fuga de alguma perseguição infantil. Os garotos se banham ali ao fundo, no canal, sob o salgueiro. Passam horas desnudos, num alvoroço.



Fazem pontaria sobre alguma lata ou sobre algum animalejo. Remexem os buracos. De vez em quando, morre algum, algum dos garotos, entenda-se, que morre afogado.

O rato partiria, sim, apenas digerido o medo, para o amparo das caixas sortidas de simpatias do meu pai. Meu pai teria dito: “Pobreza; anuncia pobreza”. Eu, se tivesse pensado nisso, deveria ter perguntado: “Mais ainda?”.

Prosegui convocando o sono, que, despreocupado de mim, fazia as coisas pela metade: não me tomava de todo.

* * *

Por essa impossibilidade de participar na conversa, uma pessoa, claro, exime-se de prestar atenção e ninguém se incomoda com isso. Rovira, um jornalista que costuma contar coisas e que me contou esta história, dizia algo para todos. Eu percebi distintamente só a palavra “Hamelin” (ou “Hameln”, não lembro bem) e as demais não, como se olhasse a tela e descuidasse da moldura. Mas não fiz nada com ela, porque não a tinha procurado nem me interessou nada mais que pelo som.

Depois, só depois, indo para o quarto, num instante se manifestou tudo o que eu pude recordar então, que é tudo o que sobre isso posso recordar. “O tesouro da juventude” e “O flautista de Hamelin”. Um velhinho de cabeleira longa e branca que toca um cornetim e uma multidão de ratazanas que passam junto dele e se atiram em um rio. Com o desenho, uma poesia — “do escritor inglês” — que fala de flauta, não de cornetim, e diz que as ratazanas seguiram, como encantadas, o flautista, e seguiam e caíram todas na água e o povoado se livrou da praga. Mas havia mais tarde uma vingança e não sei de quem, se das ratazanas sobre o flautista ou do flautista sobre as pessoas do povoado, porque não lhe pagaram.

Talvez, eu disse para mim, o rato ainda esteja no meu quarto. Talvez venha a sua companheira ou alguma outra que lhe agrade e procriem. Talvez, deste modo, do meu quarto, eu possa lançar sobre toda a pensão, sobre toda a cidade, uma praga de ratos. Mas eu não queria fazer mal a ninguém. Pensava apenas.

* * *

Essa noite, o rato estava ali, dentro de uma caixa. Tarde, na minha vigília, meditando outras coisas da infância, eu o escutava roer seu alimento novo: os livros do meu pai.

Dei um pontapé na caixa, mas depois ele continuou. Continuei eu também, escutando.

Esses livros me rechaçam, porém quero conservá-los. Não queria que o rato os comesse. Levei miolo de pão para ele. Eu o introduzi pelas frestas e essa noite não escutei os seus dentes moendo papel. Sempre levei miolos de pão, mas nem todas as noites ele se conformou com os miolos. Não obstante, algo fazia eu pela salvação dos livros.

Pegava as sobras da mesa da sala de jantar. Eu não gosto o bastante de nada além da casca do pão. Deixo a branca e pesada polpa. Mais ainda desde que uma senhora atemorizava a sua criança — diante de mim, a malvada — dizendo-lhe que não comesse miolo, que engorda, que o miolo é o alimento dos tolos e dos mudos.

Sempre prescindi do miolo, mas antes nunca o carregava nos meus bolsos. A criada sabia disso e me perguntou por que eu agia diferente agora. Quis ser humorista e lhe escrevi no meu caderno: “É para o meu filho”. Mas ela não achou graça. Outra noite, lembrou-se da minha resposta ao me ver recolhendo migalhas restantes de todos os pensionistas e me perguntou quantos anos tinha já o meu filho. Não soube o que responder,

porque eu desejava continuar a brincadeira e não me ocorria nada engenhoso. Mas ela estava festiva e, sem esperar resposta para a primeira pergunta, fez uma segunda: “Como se chama o seu filho?”. Ali, com o seu café, falava Rovira. Contava das guerras ou de alguma guerra. Eu anotei no meu caderno, para a criada: “Guerra”.

— Ah! Ele se chama Guerra. Um bebê que se chama Guerra.

Então foi fácil, também pelo êxito, a resposta para a primeira pergunta: “Tem os anos da humanidade e mais ainda”. Ela, porém, já não me entendeu.

* * *

Eu escrevia algo, uma carta, e a tampa da caixa colocada em cima rangeu. Era a tampa da caixa de cima pressionada de dentro e rachando-se segundo a segundo.

Não podia ser alguma fórmula do meu pai, devia ser o rato, que eu tinha esquecido, esquecido já por três dias, com a emoção de ter recebido essa carta da minha irmã, ao cabo de tantos anos. Eu não estava sozinho, não.

Eu não estava sozinho no mundo, não; mas, nesse momento, no quarto, tão tarde, sim, e sem voz, que me fez tanta falta quando ele apareceu e tirou a cabeça gorda de besta nutrida, quando colocou para fora — aborto asqueroso — meio corpo desmesurado e duas patinhas ainda minúsculas. Era um monstro repelente e feroz que me olhava como em protesto, como anunciando castigo, vingança, e aí vou pegá-lo enquanto você se agita na impotência do seu próprio espanto.

Ele não podia sair ainda porque a barriga era, seguramente, volumosa demais, e um escasso lapso de trégua ao meu pavor — vergonhoso, mas justificado — serviu para que eu escapasse da cadeira e subisse na cama.

Ele lutou mais e atirou-se, atirou-se na minha direção; caiu como um derrame de leite condensado, de tão gordo e oleoso, de tanta migalha e papel. E grande, disforme, mostrando os dentes, avançava, avançava, arrastado, viscoso, até que senti na minha mão a caneta e a lancei como um punhal. Ela se cravou no seu lombo e vi o sangue brotar em um jorro imundo, curvo, decadente, mas contínuo no seu manar.

Desfaleci. Caí na minha cama, de barriga para cima, abandonado, vencido. O medo e o asco forçavam-me à lassidão fatal e forçaram-me, oh, maravilha!, forçaram-me um sopro de voz que eu não sabia o que era e acreditei seria, desejei que fosse, uma flauta. E o meu riachinho de voz era o terror afinando-se em música ao passar por uma flauta.

Ficou o rastro de sangue até o canal. Eu não pude vê-lo, nunca poderia. E, no entanto, vejo. Vejo o seu movimento como uma bola lustrosamente imunda com uma caneta afundada em uma cova de tinta vermelha.

NINHO NOS OSSOS

EU NÃO SOU o macaco. Tenho idéias diferentes, embora nos tenham colocado, pelo menos a princípio, na mesma situação.

Meu pai o trouxe como trouxe a palmeira. Sobra-lhe terra, sobra-lhe dinheiro. Pôs a palmeira e tudo lhe pareceu muito bem enquanto ela permaneceu jovem e primorosa. Mas, quando foi se esticando, esticando, cansou-se dela, por ser desgraciosa e barbuda, por ser inadaptada, diz ele. Porque a perdeu de vista, acredito eu, pois não costuma levar o olhar ao céu, ao menos, na direção do lado onde se erguia a palmeira. Olha na direção da boca do rio, onde se formam as tempestades, já que das chuvas depende, para o bem ou para o mal, a colheita.

Tampouco se deu conta de que o macaquinho não se adaptaria, não só por questões de clima, mas porque lhe seria impossível adaptar-se à família, e ele queria que fosse como um membro da família. Talvez não andasse de todo equivocado, pois, favorecido por certas considerações, nas quais meu pai ocasionalmente se mostrava intuitivo, o pequeno símio fazia algo para ganhar o lugar que lhe haviam prometido. Mas seu local, em suma, foi a palmeira. Nem sempre meu pai empregava a festa, o alimento



e a carícia; acima de tudo, ele o privava de comida e não cuidou de educá-lo verdadeiramente. O macaco fugiu, refugiando-se na palmeira, como o filho volta para a mãe. Baixava só para furtar ou para pegar a comida que a compaixão de alguém tivesse lhe deixado ao pé da sua moradia. Viveu só, tal como se via a copa raquítica da árvore na sua altura. Ficou arisco e meditativo, desajeitado para tudo o que não fosse procurar o seu sustento. Talvez por mau humor — porque a estufa anunciada nunca foi construída —, meu pai fez com que limpassem os vegetais de todo o setor onde se estirava, como um suspiro nostálgico, a palmeira. Caíram palmeira e macaco, e o macaco se escondeu entre alguns caixotes e baús até que os cães, excitados pelo sangue de um frango que, degolado, deu uns passos agônicos, lançaram-se sobre ele sem que ninguém os impedisse.

* * *

Eu não sou o macaco, mas também, por ordem do meu pai, por causa de infrações leves, na infância muitas vezes tive o acesso à mesa proibido. Não tenho palmeira, no entanto fiz da minha casa uma palmeira, isto é, dos meus quartos ou dos quadrados de terra que podiam sê-lo, de algum passeio, de algum livro e de algum amigo. Minha palmeira possuía, na verdade, muitos ramos e, por isso, talvez, tive a possibilidade de pensar que eu não devia ser como o macaco. Talvez tudo dependesse, como no caso do símio e da palmeira, do lugar de nascimento e do ulterior destino inadequado. Não sei. Talvez eu devesse ter nascido em outras terras e talvez não seja assim. É possível que eu não devesse ter nascido neste tempo. Não quero dizer com isso que o meu parto havia de ocorrer na Idade Média nem no mesmo ano que o de Dostoievski. Não. Talvez eu devesse ter nascido no século XXI ou no XXII. Tampouco porque ache que então será

mais fácil viver, e é possível que seja. Para que seja possível, já que é impossível que eu nasça transcorrida uma centúria, quis, na medida das minhas forças, ser de alguma utilidade.

Quando compreendi a inutilidade do macaco, pude me aproximar do que me pareceu se converter em um destino útil, ainda que seja para os demais. Sua cabeça oca me sugeriu o aproveitamento da minha. Quis fazer dela, e foi simples fazê-lo, um ninho de pássaros. Minha cabeça se encheu de pássaros, voluntária e prazerosamente, da minha parte e da deles. Sentia prazer, sim, pela felicidade do ninho firme, seguro e abrigado que eu podia lhes dar, e sentia prazer de outras maneiras diferentes. Quando, por exemplo, aquela vez fiz minha aparição, fisicamente sombria, no semi-alvoroço, com urdidura de cálculo e inquietude transfigurados, do chá com carteados da minha mãe, e ela teve de me dizer, desafiadora e perdendo serenidade, que como eu fazia isso de me pôr a assobiar no meio da reunião de senhoras. E eu dizia, com a minha boca de lábios desunidos nada mais que por um sorriso de pena da sua ignorância, que não era eu mesmo quem assobiava, e naquela moça suscitei o assombro cândido de quem presencia o trânsito de um deus musical, tangível e findável.

* * *

Não foi sempre assim, salvo apenas alguns anos, talvez alguns meses. Com a mudança, duvidei um pouco de que, fazendo a felicidade de um pássaro, farei a felicidade de todas as famílias dos séculos vindouros. Se todos puséssemos nossa cabeça a serviço da felicidade geral, talvez fosse possível. Mas nossa cabeça, não apenas o sentimento.

Eu pus a minha e tive pardais, canários e perdigões felizes. Também são felizes agora os abutres que se aninharam nela. Mas eu já não posso sê-lo. Eles são interminavelmente vorazes e afina-

ram seu bico para comer até o último pedacinho do meu cérebro. Já em puro osso, ainda me bicam, não direi com fúria, mas como cumprindo uma obrigação. E, ainda que as suas bicadas fossem afetuosas e brincalhonas, nunca poderiam ser ternas. Doem ferozmente, fazem doer o osso e fazem expandir a minha dor e a minha tortura em um choro histérico e sofrido de fluir constante. Nada posso contra eles e ninguém pode, pois ninguém pode vê-los, como ninguém via os pássaros que assobiavam. E aqui estou eu, com o meu ninho transbordante de abutres que, aproveitadores, insidiosos e constantes, fazem ranger, com cada bicada de cada um dos seus mil bicos, cada osso de cada parte de todo o meu esqueleto. Aqui estou, escondido entre os baús, à espera de que algum dos que antigamente deram de comer ao macaco se compadeça deste encurralado e atice os cães.

Mas, por favor, que ninguém, por conhecer a minha história, deixe-se vencer pelo horror; que o supere e que não desista, se alentar algum bom propósito de povoar a sua cabeça de pássaros.

É SUPERÁVEL

GENEROSA DE LEITE a minha mãe, abundantes os pastos, sem uma seca nos três anos, minha infância e minha adolescência foram pouco menos que inteiramente felizes. É por isso que nada contarei, embora pudesse, daquele tempo passado, pois geralmente os outros se aborrecem e se entediam com a exposição, mais ou menos pormenorizada, da felicidade alheia.

Aos três anos, aconteceu comigo o que eu tinha observado em uma mosca: seguia o seu vôo com o olhar, não tão rápido quanto as suas piruetas de desenho impecável e, quando ela deslizou por uma reta vertical, ignoro se a perdi de vista ou se realmente se transformou em uma formiguinha negra que, por metros e metros, até eu não a ver mais, não se desgrudou da terra.

Entorpeceram-me com uma marretada no crânio; abriram-me o pescoço e me esfolaram. Partiram-me em dois, remexeram nas minhas profundidades e tiraram quanto podiam tirar. Certas vísceras foram imediatamente para a goela dos porcos de engorda e de cães bestializados. Alguém me carregou sobre seu lombo e eu era como um figo grande sem pele, mas tenuamente vermelho e com quatro cotos. Puseram-me associado com outros



extintos da mesma procedência, isto é, da mesma fazenda, em uma carroça de estrutura de lata.

Reparei na mudança, que chegou até mim vagarosa e evidente como um amanhecer, pelo ruído do veículo. Quando arrancamos, rua abaixo, do matadouro aos açougues, ele era estrondoso e bárbaro e ia precedido do trote rascante dos cavalos. Em certo momento, não digo que seja o preciso momento em que ocorreu, mas algo depois, pois talvez eu tenha tardado a perceber o fato, o ruído se tornou um zumbido e o chacoalhar, um deslizar. Eram pneus de automóvel e eu tinha rosto, tinha mãos com unhas comparativamente diminutas e estava espremido, mas com um corpo vivo, embora não fosse o meu, em um camburão.

Os policiais, cândidos, acreditaram — e eu, no meu assombro, não podia contradizê-los nem explicar para eles — que tinham me trazido da cadeia.

O escrivão do tribunal também acreditou nisso, e aí está o problema. Aguardava-me — e todos os meus protestos pareceram estúpidos — uma petição do promotor para que me metessem, junto com não sei que recibo, no cofre.

* * *

Acho que me enquadrarei, que tomarei a forma da caixa de ferro, ou que, se seguir sendo o que sou, serei um homem encolhido. É justo. É justo? Não! Não me escutam. Ainda — informam-me, se algo digo quando abrem à procura de um papel — não chegou a minha vez. Tudo isto é tenebroso. Não só pela falta de luz, mas porque me parece uma mentira obscura, como uma trama maligna ou talvez como uma trama descuidada, da qual sou vítima. Não me queixarei mais. A queixa é uma voz estéril. Antes eu mugia; fui demasiado bovino. Mas existia. Agora também existo; mas penso. E não posso entender se a angústia me

ataca ao pensar ou se é que faz falta a angústia para poder pensar. Percebo muita angústia entre os que já podiam pensar antes que eu pudesse, embora eles habitualmente não pensem como se pensassem, porque, acredito eu, pensar é tão belo e tão terrível que, quando se faz, deve se fazer bem.

Percebo a angústia dos dois homens que limpam o escritório, ao anoitecer, quando se reúnem com o seu café e os seus bolinhos, e falam do que desejariam fazer, que é como dizer que não desejam fazer o que fizeram esse dia e todos os dias. Um deles fala do campo e considero que, se pudesse acontecer com ele o que aconteceu comigo, mas inversamente, seria aceitável; do contrário, não.

Esses homens que servem, também a mim — até a mim! — eles têm de servir. Quando me passam o café com leite, apesar da presença do escrivão que permanece vigilante, chave na mão, enquanto se entreabre a pesada porta só o indispensável para que, um tanto inclinada, a fim de economizar espaço, entre a xícara, quando me passam o café com leite, me passam, com o olhar, um pouco de solidariedade. Tomo a solidariedade e a agradeço com todo o meu sentimento; mas não posso tomar o café com leite, e, ainda que o tomasse, não poderia digeri-lo.

Eles, os dois encarregados da limpeza e do meu café com leite, compreendem isso e, solidários, tratam de que, pelo menos, eu digira a minha angústia. Um deles, ligeiramente tonto, fala que é melhor estar dentro, porque fora faz muito frio. O outro, também gritando, para que eu o escute bem, mas falando de coisas mais convincentes, embora nem ele nem eu as entendamos, repete o que diz o juiz, sem omitir, honesto como o camponês que deseja ser, o nome de quem fez o comentário, ou seja, sem que pretenda se apropriar da idéia. Ele diz que, afinal, eu sou um homem afortunado, porque superei a materialidade constante.

A materialidade constante... Mas o que é isso da materialidade constante? Passar de vaca a homem, com um intervalo de morte? E para quê? Para que, em vez de parar no estômago do juiz, eu pare no cofre do juiz? O senhor juiz gostaria de superar a materialidade constante com uma regressão que lhe outorgue a suposta felicidade pastoril? Gostaria de ser vaca o senhor juiz? Ou talvez anseie por ser cegonha ou tordo ou peixe-rei? Não está satisfeito, isso é tudo. Por quê? Seu nariz, seu mau cheiro ou a umidade das suas mãos o fazem intolerável para as mulheres? Ou talvez eu não entenda as suas palavras e não esteja preparado para entendê-las. Se fosse só isso, poderia superar a materialidade constante com a morte. Embora seja possível que tampouco de tal maneira, se eu pensar no meu próprio caso. Porque a minha morte não me fez perder a materialidade; depois da morte, havia outra materialidade. Ele, que parece estar a par do meu anterior estado, pensa em um estado superior depois de morrer? Não. Do contrário, poderia buscá-lo.

Talvez a minha história não tenha ocorrido para ser interpretada, e de nada vale que eu tenha superado certas constantes ou constâncias da matéria se for para alimentar as reflexões do senhor juiz. De nada me servirá a tal evolução, de nada e para ninguém há de ser útil, exceto como amostra fenomênica, a não ser que eu possa aplicar a minha nova faculdade, a de pensar. Não vim a ser homem só para me fartar de angústia. Quero poder fazer algo, para digeri-la. Quero poder fazer algo, nem que seja para morrer pela minha própria mão e não pela do açougueiro, como já me aconteceu.

Mas não. Quero viver.

* * *

É noite, estou na caixa de ferro, a caixa de ferro está no escritório e é como se eu não estivesse entre paredes de cofre nem de

escritório nem fosse noite; unicamente me iludo, e com apreensão, pelo calor que sobe, como em campo aberto ao meio-dia, no estio.

A noção de um incêndio que danifica o edifício se constrói em mim. O incêndio toma a liberdade de entrar na sala do juiz; fica curioso do cofre, assedia, lambe e infiltra nele o seu bafo de chama.

Morrerei queimado, ou tostado por fogo indireto. Abomino a minha condição. Não a condição humana, mas sim a condição humana sem liberdade: morrerei sem desejá-la ou, antes, de quando eu podia desejar morrer e por uma morte que me dão, não que eu me dou.

Enquanto me ocorre um desvanecido e cálido, também sofrente, deslizar para a morte, percebo que em mim vai se operando uma espécie de transformação rumo a uma massa homogênea, à qual, apesar de tudo, o calor não cai mal, faz nascer um aroma... como de pão. Eu me desperto gradualmente e é como uma ascensão ou recuperação, mas em outro estado.

Já sei, a caixa de ferro se converteu em forno; eu, em pão.

Pão. Branco ou preto? Doce ou ácido? Quem sabe se os sofrimentos dos homens fazem que, no final, quando se convertem em pão, sejam um alimento amargo ou com sabor de mel...

Resgatam o cofre. Seguramente, o esforço dos bombeiros é para salvar não a caixa, mas seu conteúdo, que não hei de ser eu, mas algum valor caro ao juiz.

No asfalto, esfriam a caixa com jatos de água, abrem-na com cunhas e maçaricos.

Extraem o pão bem moldado, quadrado e fragrante que sou; mas a decepção do juiz o desdenha, pois os valores que busca estão destruídos ou transfigurados, não sei, em todo caso, perdidos para ele.

Fico na retaguarda da frente de batalha contra o fogo, ou melhor, extraviado na confusão. Sou afastado, salpicado, abandonado.

Vim parar, pelos desordenados impulsos de muitos pés, na nascente de uma viela escura.

Ali, abandonado e sozinho, espectador da orgia do fogo, está um menino, tão escasso de roupas como de carnes. Ele me considera de longe, com cautela. Pobrezinho, olha-me como se tivessem bloqueado a sua passagem com um animal quieto. Fareja, me cheira. Por fim, aproxima-se, com prudência, e cai de joelhos como em ato de adoração: todo este pão para ele, para ele só, para toda a sua fome.

Afunda na minha polpa as unhas. Arranca dois pedaços. A boca está aberta e espera. Não obstante, o garoto hesita. Salva as duas primeiras porções do chão, da sujeira ambiente, dele mesmo: leva-as para o parapeito de uma janela próxima, ali as deixa e diante delas se persigna. Não entendo, depois acredito compreender ou recordar: é um rito infantil ou camponês ou dos pobres. O pão, como símbolo do sustento da vida, é sagrado. O primeiro pedaço, ainda que seja do tamanho de uma pitada, ou pão duro abandonado, deve ser consagrado, o que se consegue afastando-o da contaminação e do apetite descontrolado.

O menino já se encontra de regresso e me devora e eu me oferto abnegado e satisfeito à sua ânsia de nutrição, ao seu paladar, e percebo que ele me acha delicioso. Sou, pois, além de sagrado — sagrado por ser pão —, um pão doce para a boca pura de um menino.

Quem sabe de que sombra brota um homenzarrão, não por ser grande, menos mendigo que o garoto; afasta-o com violência e tira dele o que de mim resta. Pega um pedaço, prova e devolve, renegando-o. Sou amargo pão.

Amanhece. A luta com o fogo se apagou à meia-noite, e o bairro ficou delicadamente calado e quieto. Há, no ar, uma serenidade de cristal puro.

Eu me reencontro nas migalhas, meus últimos restos, levemente congeladas sobre o pavimento da cor de cinza.

Depois virá o sol, para devolver o dourado às casquinhas.

Seus lampejos atrairão as aves que vierem navegando o céu e então, pelos seus bicos, me elevarei a outra morte, alada.

Eu aceito. A vida é superável.

REDUZIDO

DESDE O SEU aparecimento, ele foi, em certa medida, meu cachorro. Como de dia não tenho cachorro e sim muitas fadigas, é bom curá-las com um cãozinho noturno, que não exige de uma pessoa nem sequer se mover da cama. Só é necessário adormecer, com o desejo, que seria inútil expressar para alguém, dessas horas de farra — leve e infantil, admito —, para que ele se apresente disposto a brincar ou, com compreensão superior de cachorro, para me acompanhar mansamente.

Se me perguntassem, não saberia dizer como ele é. Mas, em sonhos, poderia reconhecê-lo, infalivelmente, em meio a uma matilha composta por irmãos idênticos a ele. É que, embora tenha sido um cachorrinho evidente e indiscutível desde o primeiro momento, algo possui que, quando penso nele, sugere-me que é diferente porque veio a mim paulatinamente, como em uma integração demorada. Por isso acaba sendo contraditório o seu nome: Reduzido; ainda que lhe corresponda com relação ao seu físico. Não é que tenha diminuído, nem muito menos que esteja em processo de redução. Tampouco noto — eis aqui outra questão importante —, por mais que observe,

que ele cresça nem sequer um pouquinho, sendo, como é, tão natural que os cachorros de tenra idade se desenvolvam quase dia a dia, como caberia dizer exagerando um tanto. Isso lhe dá algumas características de imutabilidade que não me deixam tranqüilo. Se Reduzido, se o meu Reduzido, esse cachorrinho tão jovial, tão bom cachorro, ou seja, tão bom amigo, não varia, é que tem a fixidez de um sonho, nada mais que de um sonho. É, então, o meu Reduzido, como um persistente pesadelo, que volta sempre, igual, torturante, e, embora ele não possa de nenhum modo ser considerado um pesadelo, e, se fosse, seria um pesadelo simpático, mantém o meu coração sobressaltado exatamente como os pesadelos, não no momento em que se extingue, mas sim de dia, pela probabilidade, nunca descartável, de que durante a noite não volte.

Por isso, admitindo que seja um sonho, necessito que se translade para a minha vida acordada. Se for, terei, nesta minha vida miserável, sem sol, embora sob o sol, um sonho. Se for, não terei de temer a ausência definitiva, uma noite qualquer, porque, apesar de ele nada ter feito para que eu possa julgá-lo assim, pode ser inconstante e passar, com os seus passos de sombra, aos sonhos de algum dos meus vizinhos. Vivo, sobre a terra, é indiscutível, pode morrer. Mas pensarei na sua morte como na minha: pensarei que é algo que não ocorre, embora se deseje, caso não se busque sem receio.

Já conversei com Reduzido. Eu lhe confessei, francamente, as minhas inquietudes, que talvez antes não lhe escapassem, porque é muito perspicaz, muito esperto. Eu lhe pedi que se apeie da noite e venha. Ele me pediu que não lhe exigisse a resposta até a noite de ontem. Sua resposta não responde diretamente ao meu pedido. Diz que sim, que gosta de ser o meu cachorro e podemos passar juntos mais tempo; entretanto, por

sua vez, propõe-me algo que também me obriga a adiar a resposta, até pensá-la bem.

Esta noite, devo lhe dar a resposta. Não faltam muitas horas e hei de resolver, sendo, como é, tão difícil decidir sobre o que Reduzido quer. Porque o que Reduzido quer é que eu vá embora com ele, isto é, que eu vá embora com ele para os sonhos.

TROCAS COM MORTE

É COMO ELA o precisava e como poderia tê-lo amado, antes. Antes que perdesse confiança na perduração dos sentimentos e no valor dos seus atrativos, que ele fez renascer, mas esgotou.

Porque ele, seu esposo, tudo esgota. Ele a sorve.

É como ela o necessitava, tão apaixonado e violento, e tão bom; tão repentino degustador das feições do espírito, tão buscador da pureza, e tão destoante. Cobrou-lhe um amor completo, que nem se altera, nem diminui, nem lhe concede repouso. É, decididamente, sufocante.

Pode ser que esteja bem que seja assim. Por outro lado, ela mantém intacto o seu encanto social e externo e não lhe dá motivo algum para que diminuam nem seu carinho nem sua devoção. Ele desconhece que ela já não se importa com a sua própria beleza, e que não o ama. Isso não significa que vá angustiá-lo com algum deslize, nem sequer tentando uma ressurreição, porque, está claro, não apenas acredita na dignidade do homem, e zela por ele, mas também é uma mulher inteiramente honesta.

* * *



Com a germinação do feto em si mesma, ocorre o princípio do seu caminhar para a morte.

Vinha se sentindo circundada de vazio, e com nada dentro. Agora, na sua matéria, está enfiada outra matéria, que possui temperatura e palpita, que a preenche e cresce.

Não obstante, conjectura que um dia essa matéria vivente será evacuada e, então, no seu interior, como no exterior, o nada se estabelecerá.

Renega essas abstrações e se compraz com uma maldade romântica e lisonjeira: quando morrer, e ele vir a menina, irá se obstinar em evocá-la e ela já não estará ao alcance dos seus braços. Nesses devaneios vingadores, algumas vezes “ele” é seu esposo, o pai do bebê, e outras vezes “ele” é Aníbal.

* * *

Este é o primeiro dia em que ela aparece no pátio, depois daquilo que aconteceu, sem que nada lhe ocorresse, nem sequer pela sua própria mão, que com tal anseio costumava tomar a forma da tentativa, ou a do abandono definitivo.

Esvaziada do bebê, que nem lhe permitiram ver — para quê, disseram —, tornou-se frágil, e o sol que a recebe é morno e protetor. Em pura delicadeza ela se transformou, e, quando a acompanha, até a natureza a trata com dedos muito suaves.

No entanto, ela se sente como que contaminada de matéria; que matéria? Não sabe. Em todo caso, é — ou era — algo pegajoso que ela, talvez, amava.

Aproxima-se dela a gata branca, com sua barriga englobada, os mamilos rosados e inchados. A pontapés, ela a agride (muda, mordendo os lábios). Talvez queira matá-la, talvez queira matar os seus futuros filhotes.

* * *

Depois da fúria, permanece dias e dias jacente no leito, o olhar para nada voltado, a não ser para cima.

Abriga o silêncio, que os demais acatam, embora a vigiem. Guarda dores do corpo, por causa dos golpes com que o marido a refreou.

Pede para ver a gata. Dizem: “Morreu”. “E os gatinhos?” “Dois se salvaram.” E ela então diz: “Tudo isso é justo”.

Com frequência, nas suas visões — desperta, adormecida —, a gata branca continua viva, com a sua bolsa carregada de gatinhos mortos. Mas não é a fantasia que ela prefere; antes de tudo, desejaria uma imagem da gata morta.

HOMEM-CACHORRO

MAGISSI ME DISSE: “A diferença está em que você acredita que, às vezes, os homens se portam como cachorros e eu sei que todos os homens são uns cachorros. Essa é a diferença entre você e eu”.

Não podia lhe dar razão, simplesmente porque teria sido reconhecer que ele sabia mais que eu. Então, quis persuadi-lo de que ele se equivocava até com respeito às minhas idéias. Desfiz meus argumentos anteriores e, sem chegar a usar a palavra “bom” em sentido geral, nem para o homem nem para o cachorro, opinei que um e outro têm os seus maus momentos.

— Ou de maldade. O momento da cachorrice?

Ele me perguntava o que sabia que eu estava pensando. Queria que eu falasse, que dissesse simplesmente “sim”, mas um sim sem sombra de dúvida. Não pude deixar de intuir uma cilada, mas eu mesmo havia me levado a esse ponto e, conseqüentemente, contra toda a minha vontade, tive de dizer:

— Sim.

Eu sabia. Ele havia me feito voltar ao ponto de partida. Aquela ansiedade pelo meu sim... Se eu acreditava no mau momento

é porque julgava que habitualmente são bons. E era o contrário: habitualmente são maus e, por momentos, só em raros momentos, bons. Procurava me convencer, já sem esforço, porque ele podia perceber facilmente que eu resistia por teimosia, para me manter em antigas convicções e também, claro, por orgulho. Embora não lhe importasse o orgulho, nem o próprio nem o meu.

Algo, algo que não se pode apalpar, mas nos assiste, soprava no meu ouvido que a verdade estava em mim. No entanto, era inútil discutir. Cansava dizer a mesma coisa, ele e eu, com novos exemplos ou com outras palavras. Enfim...

* * *

Quando eu era muito jovem, até os dezoito anos, tinha sonhos. Tinha sonhos porque os meus pais eram vivos e eu não necessitava trabalhar. Ambicionava ser diretor *ad honorem* da Biblioteca Estadual. Quando se tornou imperioso procurar o meu sustento, tive de desistir dessa ambição, mas dei sorte, de um modo relativo. A casa Raft, da capital, vende fichários metálicos a bibliotecas. Àquele que compra um fichário, ela envia, junto com o fichário, um empregado, que organiza a biblioteca e ficha os livros do comprador. Esse empregado era eu. Podia dispor de até duas semanas para organizar e fichar uma biblioteca de quinhentos livros. A casa Raft quer que as coisas sejam bem-feitas. A casa Raft quer que o cliente fique satisfeito. Um cliente satisfeito é o nosso melhor propagandista etc. Eu estava enganado: mesmo trabalhando, eu tinha sonhos, talvez maiores.

Mas me deixaram “em disponibilidade”, maldita seja! Puseram certa quantidade de notas em um envelope. Não obstante, deixaram vazio o envelope das explicações. O empregador tem direito de prescindir do seu empregado, desde que o indenize devidamente. A lei deve dizer algo do gênero. E como a lei me

cortava tão bruscamente, nunca mais pude, pobre de mim, passar por aquela rua da filial Raft. Eu me sentia o marcado pela lei, como se se tratasse da lei penal.

Outras casas vendem fichários metálicos, mas a única que entrega com um fichário um fichador é a casa Raft. Pensei de novo na Biblioteca Estadual, já não, por certo, com aspirações de dirigi-la. Pensei — e, mais ainda, tentei — empregar-me em uma livraria. Em um jornal, em um museu...

Em fevereiro, ia se esvaziando de todo o único envelope cheio que a casa Raft me deu. Era o tempo de comprar uva. Uma vinícola pequena me encarregou de que eu pagasse até cinco pesos acima do preço oficial. Eu percorria, a pé, com toda aquela terra e aquele maligno sol, vinhedos e vinhedos de dez, de cinco, de dois hectares. Outro corretor, de uma vinícola maior, havia passado antes, de automóvel, pagando oito pesos mais que o preço oficial.

* * *

Trabalhavam ela e a mãe. Talvez pudessem ter disposto de meios para um apartamentinho melhor, pelo menos isento daquela vizinhança que o assemelhava ao de um cortiço. Mas Barbarita preferia guardar a diferença com o propósito de comprar um piano. Era uma infeliz ilusão, porque, para cada cem pesos economizados, o preço dos pianos aumentava duzentos. De qualquer maneira, doze anos sem tocar, desde os catorze...

Quando veio Conchita Piquer ao Teatro Municipal, a Perea, apartamento seis, aprendeu aquilo de

*A la lima y al limón,
Te vas a quedar soltera...**

* Limoeiro, limeira,/ Tu vais ficar solteira... (N. T.)

Cantava sem compaixão. Também as crianças aprenderam a música.

Barbarita me contou o ocorrido; não para me apressar, tenho certeza. Ela me contou o ocorrido com um sorriso triste; alguma vez quis me fazer entender que não apenas eu era digno de pena.

No sábado — oh, que mal-intencionado eu estava! —, fui preparando-a e, em determinado momento, baixinho, muito baixinho, eu lhe cantei:

*A la lima y al limón,
Te vas a quedar soltera...*

E deixei que ela fosse embora, em retirada, ferida, com a boca semi-aberta, mas sem palavras.

A cachorrice, santa fúria! A minha cachorrice!

* * *

Sem saber até quando poderia pagar a pensão, sem Barbarita, certamente... Uma pessoa, claro, necessita que algo aconteça, fica tensa, à espera. E, no entanto, não lhe escapa que, muito provavelmente, o que há de acontecer será mau.

Aquele homenzinho, da minha idade, mas muito mais frágil, era meu amigo. Conversávamos e conversávamos e me dava inveja porque ele tinha tempo para ler muito. Nunca lhe perguntei do que vivia, se bem que alguém me contou que do pai, e essa explicação de nenhuma maneira eu queria que fosse inexistente, porque me dava um motivo para desprezá-lo. Soube, além disso, embora vagamente tenha prestado atenção na referência, que o pai exigia que procurasse o meio de suprir as suas necessidades. Por isso, ele sempre falava de publicar uma revista, da qual nunca vi um número sequer.

Eu o perdi de vista tantas semanas e agora... Ah, como eu o esperava! Se algo acontecesse, algo mau teria de ser. Ele, sangue pútrido, ele está ali, no meu cargo, nomeado no mesmo dia da minha demissão!

* * *

Estive aguardando por ele pacientemente, mas, quando o vi, toda a fúria me possuiu. Os meus beijos incharam, fui ao chão e as minhas quatro patas me dispararam rumo a ele, que já, advertido rapidamente, nas suas quatro patas também, com um leve uivo de medo, mostrava, por instinto de defesa, os dentes. Eu me atirei sobre a sua cabeça mordendo-o com implacável raiva, soltando espuma pela boca, tratando de fincar os dentes no seu pescoço, que ele defendia desesperado com as patas dianteiras.

Um gari, a pedido de uma mulher que gritava espantada, nos separou a vassouradas.

* * *

Nada disso, no entanto, dá razão a Magissi.

EM VERMELHO DE CULPA

OS HOMENS DIZEM: “Não é culpa minha; não sou culpado”. E culpam a esposa, o clima, o seu fígado, Deus, o novo horário.

Eles, os ratos, dizem: “Não é culpa nossa. O culpado é Caim”.

Não sou Caim. Sou Abel. Eles me chamam de Caim para me humilhar, para humilhar sua culpa, sua culpa comprada.

Eles me pagam, sim; sou empregado dos ratos. Quando o papai sugere à criança que ponha o dentinho debaixo do travesseiro para que os ratinhos, em troca, deixem-lhe uma moeda, os ratinhos, em troca, levam todas as notas que o papai escondia na estante dos livros. Eles se especializam em pais lerdos difusores de ingenuidades. Poderiam fazer isso com quaisquer outros, mas eles se divertem burlando a história da moeda.* Eu também me divirto quando me contam as suas façanhas e quando arrastam aos meus pés as notas, que são o meu pagamento.

* Tradição, muito popular entre as crianças da Espanha e da América hispânica, segundo a qual um rato — o Ratón Pérez — troca os dentes de leite deixados sob o travesseiro por um presente. (N. T.)



Sou uma culpa paga: tenho um ruim e desconsolador ofício. É absurdo, mas eles sustentam esse absurdo e, pela sua falta de eficiência, vivo, pago os estudos dos meus filhos e as peles — Jesus, até peles! — da minha mulher. Minha família tudo ignora. Se a minha esposa soubesse, não me diria, não, que deixasse de fazer o que faço, embora tivesse de vender suas peles e embora tivéssemos de ficar só com as nossas originais. Não lhe conto nada pela sua apreensão com os ratos. Pensaria depois que veste peles de ratos e estaria constantemente histérica e insuportável.

É um absurdo. Entendem que a sua vida é assim por culpa dos homens, mais poderosos, mais numerosos, mais bem armados que eles. Quando os ofendem, quando os machucam, foi o homem; quando infestam uma cidade, a culpa é da cidade. Eles se consideram inculpáveis e querem ter em quem descarregar a culpa que os homens lhes outorgam, e me pagam para que eu seja a culpa deles. Os culpados são, de acordo com o seu ponto de vista, todos os homens, e eu, que sou um só homem, dou-lhes trabalho — um trabalho que os regozija, hei de reconhecê-lo — para ser mantido como culpado. É absurdo. Quando cometem uma canalhice, e até se assustam de tê-la cometido, por temor das represálias humanas, não me expõem como culpado ante os meus congêneres. Não me apresentam e dizem: “Somos inocentes. A culpa é de Caim. Descarregai nele vossa razoável fúria”. Não. Tampouco lhes sirvo para alegação alguma ante uma ordem superior. Eles se conformam com saber que o culpado sou eu, embora saibam que não o sou. É estupidamente absurdo. Ou talvez não o seja. Talvez se trate de uma formalidade e um problema da responsabilidade; mas... não está ao meu alcance. Talvez, para compreender tudo isso, eu teria de me ilustrar com algum ilustrado professor. Terei de fazê-lo, se procurar ser, como muito provavelmente eles me preferem, uma culpa sossegada.

* * *

As guerras necessitam do assassino de Francisco José como desencargo. Tudo ocorreu em uma só casa e podia ter parecido insignificante, com relação à ordem geral de perseguição e morte de ratos.

A casa era miserável como o meu cargo. Um viúvo avarento a habitava, sem corrigir a solidão dos seus cinco aposentos ruinosos. Os ratos, um caudaloso bando, a compartilhavam — ao seu modo, desfrutavam-na — sem negligenciar o sigilo, embora fosse desnecessário. Mas, ao morrer o viúvo, entrou, com a sua família e um sorriso, uma mulher pequena, trabalhadora, afável e otimista. Otimista apesar dos ratos e da relativa ineficácia da sua luta, sugerida com espanto feminino, contra eles.

Mas a infortunada era míope e cardíaca. Serviu para as crianças fatias de pão cobertas com geléia de marmelo, e ela mesma comeu pão cuidadosamente coberto com a geléia. Ao tampar o frasco, reparou que havia algo escuro submerso no doce, como um inesperado caroço. Remexeu com a colher de cabo longo, retirou aquilo e... Está claro, o nojo, seu coraçãozinho tão pouco disposto... Ficou mal, muito mal. Depois, de novo, com a sua miopia, acreditou que a sua menina teria deixado cair uma das rosas vermelhas preparadas para a professora. Ela a ergueu e... É que o gato nada mais havia feito que matá-lo e destroçá-lo, instintivamente, por ofício, visto que fome não tinha, farto de bem alimentado pela doméstica dona.

A exasperada desgraça. A exasperada desgraça para o novo viúvo, o viúvo da mulher que sorria, a pobre otimista. A exasperada desgraça para ele, para os ratos e para mim.

Ali teve de ser, porque a desgraça estava exasperada ali. Ali teve de brotar a peste bubônica e pegar nas duas crianças, ali.

Não esperou, não, os fumigadores da Higiene Pública. Instantâneo, com um arrebatamento como o da morte sobre os seus filhos, o homem de luto, armado de machado, picareta, um pedaço de pau, um facão, cavou, demoliu, em busca de tocas, revelando os animalejos da sua catástrofe, e arrebatando-os em vermelho implacável. E a casa sinistra teve por uma vez, efêmero, um jardim de abundantes rosas vermelhas.

* * *

Isto também é estúpido. Mas, acho, é a última estupidez que cometem comigo, a última na qual me complicam.

Eles se voltaram contra a sua culpa. O ilustrado professor diria que não é possível destruí-la, que as culpas permanecem e a nós sobrevivem, que moralmente só podemos contra elas um ato bom e compensador referente à mesma questão, embora não haja de extingui-las de nenhuma maneira. Só há um meio, diria ele, de vesti-las de fumaça toleravelmente camufladora e complacente: o esquecimento voluntário, mecanismo apaziguador para tolerar a vida alheia e a própria.

Eles não me esquecem, não. Contra mim se encarniçaram para me anular, expeditivos como uma revolução triunfante, mas sádicos como os que montam com vagarosa deleitação o aparato da força dos vencidos à vista destes.

Eles me preveniram de que eu não devia tentar a fuga. Cobriram o espaço que me circunda de ratos mortos pela bubônica. Compreendi. Menosprezei a advertência e quis fugir. Três dos viventes treparam pelas minhas pernas e paralisaram os meus movimentos com o medo de senti-los sobre o meu corpo e com a ignorância do que fariam de mim. Nada fizeram, por alguns minutos. Tentei dar outro passo. Deslizaram pelo meu peito e surgiram pela gola da camisa. Gritei, apavorado e à pro-

cura de socorro. Um deles mergulhou na minha boca, enchendo-me de náuseas. Procurei cuspi-lo e ele se aferrou à língua e, finalmente, entrou pela minha garganta. Espantado, adivinhando sem esforço o que fariam os outros, apertei os dentes e me pus a correr, mas só por alguns metros. Os dois que estavam na minha cara, para me obrigar a abrir a boca, morderam os meus lábios, principiaram a comê-los e eu gritei e eles se suicidaram. E outros subiram pelas minhas pernas, pelo meu peito e pelo meu pescoço, e me dilaceraram lábios, orelhas, nariz, e foram abarrotando a minha boca e a minha garganta e o meu estômago. Compreendi. Não houve necessidade de que nenhum mais fosse devorado pela sua culpa, por sua culpa paga.

Voltei. Aqui estou, sem nariz, sem lábios, com restos de orelhas, vomitando, jogado no meio do círculo de ratos mortos. Eles, mortos, esfriam, e eu, com uma maldita resistência involuntária, não morro nem desmaio. Abro os olhos, abro os olhos e vejo mais claro, com um horror que não posso superar, que me seduz. Horror de mim mesmo e de vê-los e de ver o que a mim vem. Vê-los mortos, esfriando, enquanto o meu sangue se coagula. Vê-los mortos, e as pulgas transmissoras do mal que os abandonam ao senti-los frios e que vêm, uma a uma, à minha carne quente, derrotada e inculpável.

AS PODEROSAS IMPROBABILIDADES

ESTA MINHA HISTÓRIA podia ter sido uma história de amor.

O começo, com a relativa indeterminação das grandes acumulações, pode ter ocorrido quando ela e eu éramos indivíduos de uns doze anos e os meus joelhos estavam habitualmente sujos e a sua longa cabeleira possivelmente também, embora não se notasse e fosse muito enfeitada com fitas.

No cemitério, onde um momento antes haviam posto o caixão com o corpinho do nosso companheiro morto e, depois, flores e flores, eu li o discurso que o meu pai para mim escreveu e, embora tenha hesitado alguns instantes, até compreender por que não me aplaudiam ao terminar, senti-me resolutamente importante. Nora me olhava, enquanto o professor dizia uns versos olímpicos, e, se bem que eu não possa considerar que ela me olhava porque me considerasse importante, seu olhar caía em mim e não em outra coisa nem em outra pessoa porque eu, entre todos os colegiais, havia sido o escolhido para dizer o discurso e porque, efetivamente, eu o havia dito.

Na escola, no dia seguinte e em muitos outros dias que não sei quantos foram, talvez todos os de um mês, às vezes em meio

a um jogo jogado com as suas companheiras, ela descobria a minha presença e me olhava, com reserva, sem nenhuma outra expressão, mas como recordando que eu era o que leu o discurso no cemitério. Depois há de ter esquecido isso e, como nada mais que possa ser considerado notável fiz eu, até a primavera não me olhou de novo de maneira particular.

Então, na primavera, 21 de setembro, no piquenique, eu disse que sabia onde estava o manancial da água fresca no verão e morna no inverno, e Nora disse que também sabia e foi a primeira vez que ela disse algo por mim. Mas também José declarou que sabia, de modo que os três — e não só eu, nem só ela e eu — conduzimos os demais riacho abaixo, onde crescem os agriões porque a água da constante surgente lhes dá vida e, desde cima, os salgueiros cuidam de que haja sombra e, acredito eu, cuidam também de que haja sossego.

* * *

Se a vizinhança naquele ano em que observamos que eu sou homem e ela mulher nos inibiu a palavra, a duradoura ausência de contato, depois, fez do reencontro a descoberta de amigos, e nada havia de formalidade, talvez por repentina coragem de ambos. Com José, sem dúvida, para mim isso era mais natural.

Éramos amigos, Jesus! Éramos amigos, ali ante todos, e eu era amigo da garota mais bonita de todas. Embora tenha bailado toda a noite apaixonadamente e só na mesa falamos, falando, ainda, com interrupções, sem coordenação. Ela, aquela noite, era livre, absolutamente livre, porque não estava no coração de um, mas sim no de todos.

Fizeram que permanecêssemos, porque, claro, a festa não havia terminado com a partida dos noivos, nem muito menos a comida e as bebidas. De manhã, todos dormimos até que o sol

ficou ardoroso, como cansado da ladeira que deve subir até chegar acima. Comemos de pé uns bocados e os demais homens saíram para pescar na lagoa e as mulheres se reuniram na varanda para tomar *mate** e eu não queria ir com eles, mas tampouco podia ficar com elas.

Disse que desejava procurar fruta e dormir entre os álamos e me disseram que a fruta estaria quente e que tomasse cuidado, ao me deitar no chão, com as cobras diurnas. Peguei alguns bagos de uva, resguardados, para visitantes tardios, por uma zelosa camada de folhas poderosamente verdes e largas. Comi sem desejos aparentes, para o caso de alguém me observar. Permaneci, atento a qualquer presença humana, a de algum lavrador, que Nora não podia ser, sendo como era a única que eu desejava que reparasse em mim.

Uma acéquia, carinhosamente sombreada pelos salgueiros, confortavelmente cheia de limpa areia, convidava-me, se não à sesta, que ao final fiz, a me sentir em paz sobre a mesma terra, a me ver em uma solidão deliberadamente procurada e não ingrata nem dolorosa. Lá em cima — a quantos metros? — algum bichinho com asas fazia um cantinho leve, repetido e, talvez, apaixonado.

Algo picou o peito do meu pé e — o pássaro foi o culpado — supus que era uma formiga e me limitei, sem levantar a cabeça, a me esfregar com o outro pé.

Distraído pela não vista formiga, descuidei um momento do pássaro e dos galhos do salgueiro que se derramavam, mas finalmente e sem cair sobre mim, e pensei em Nora, mas não muito nem circunstanciadamente demais. Só que desejei que estives-

* Infusão típica da Argentina e outros países sul-americanos semelhante ao chimarrão. (N. T.)

se ali, comigo, sozinhos os dois, ali, sob o salgueiro e com todo o silêncio do vinhedo e do domingo, sem falar, partes do silêncio nós mesmos, mas, palavra!, sem deixar que ela respirasse um instante, beijando-a, beijando-a sem piedade.

Outra vez a picada, maldita pontada instantânea de alfinete, e levantei a cabeça e vi uma mosca que alçava vôo do meu pé, mas nada de formiga.

* * *

O sol baixava, lentamente, guardando-se, e eu retornava, com um estranho fastio, fastio de pisar os torrões desiguais, de sentir um leve ardor nas picadas, com apreensão de que a areia úmida pudesse provocar em mim um resfriado ou uma ciática, como em um idoso.

Ela se arrumava, em algum lugar da casa aonde aquele dia só tinham acesso as mulheres, e o grupo de pescadores não havia regressado.

Fui entre os tabuleiros de fruta seca em direção aos chiqueiros e os currais. No galinheiro, havia uma perua nova, dessas que ainda ninguém se ocupa de engordar, que podia ter me assombrado se não fosse que ela em nada se diferenciava de outra que caminhou diante de mim algum dia quando eu era criança. Caminhava com uma só pata, faltando-lhe totalmente a segunda. Não era um animal que naturalmente possuísse uma só pata, mas sim uma perua vulgar, de duas patas, à qual somente restava uma. Nem por isso, ao caminhar, tinha de fazer desesperados esforços, nem andar saltando, nem sequer com perda do equilíbrio. Era como se normalmente tivesse duas patas, mas uma fosse invisível. Era exatamente como a perua da minha infância e nem sequer conseguia excitar a minha imaginação. Em todo caso, suscitava em mim estas mortíferas per-

guntas: Sempre haverá alguma assim?... Sempre hei de encontrá-las?... Sempre?...

Quando me chegaram as vozes dos pescadores e acudi, ao seu chamado, para comprovar o seu grau de êxito, José havia se tornado visível novamente. Eu o comprovei, mas com indiferença e até com cansaço. Não é que ele tivesse faltado na noite anterior. Não. José esteve ali, conosco; mas então, essa tarde, e até o final, foi como se estivesse mais.

* * *

Não era uma formiga. Era uma mutuca. Por aí, pela picada, com a areia da acéquia ou com a terra do vinhedo, entrou a infecção e, desse modo, vieram a dor e o manquejar, que hão de passar, e esta prostração e a penicilina.

Nora soube de tudo e, se a desconsideração da minha atitude na visita nada pôde lhe expressar do meu agradecimento, nada tem a ver isso com o meu carinho especial, que nasceu junto ao de sempre, sendo, talvez, parte dele mesmo. Nasceu de saber que se dedicou a entrar na minha casa para estar comigo; mais do que isso: depois do domingo, averiguou, ou, se é que soube de tudo acidentalmente, não prescindiu da informação e fez o que eu não teria me atrevido a fazer sendo ela a doente.

Veio, por minha causa, por causa deste infeliz, por causa deste canhestro e silencioso apaixonado. Porque..., que hei de fazer? Veio, sim; veio para me ver, mas com José. Com José. Podia ser de outra maneira?

Apesar de José, possivelmente dispensada pela indiferença e falta de sobressalto com que ele acompanha a minha existência, recebi então o beijo — um para sempre — com o qual Nora me religou à convicção de que eu a tenho em mim, mas nunca a terei comigo. Porque os seus lábios não foram ao

encontro dos meus lábios, mas sim da minha testa, e unicamente ali pousaram.

Sua cabeça se inclinou para o beijo sobre a minha cabeça no travesseiro. Ela estava de pé e vestia uma blusa branca. Ao se agachar, a sua blusa abriu e eu pude *ver*, porque eu havia baixado levemente o olhar, a causa de sentir que o beijo era de amiga.

Pude ver, pela blusa entreaberta, que ela só tinha um seio, e, com a pena por Nora, veio a memória da perua de uma só pata.

Em seguida, Nora, inadvertida da revelação, ergueu-se com o seu sorriso bom e diáfano, e se restabeleceram a saliência e a harmonia exterior do seu busto.

* * *

O ardor do verão cedeu. O outono foi um manso entardecer que transcorria lentamente. Depois voltou a estação que imobiliza o ar e aterroriza as coisas.

Nem sempre estive, com Nora, José. No entanto, foi — e é — como se estivesse.

No geral, deles ignoro tudo, se bem que acredite saber que não são noivos, que não se amam nem os une a alegria. Quando se reúnem — acredito —, o silêncio os separa.

Por minha vez, para pensar em Nora, tenho de desuni-la de José.

Penso em Nora e no equilíbrio dos seus passos na vida; penso na perua manca.

Na normalidade — hipoteticamente irreal — de Nora, há um suporte invisível. Sou eu.

Eu me tomo da afligente improbabilidade.

Para ver Nora, de certo modo para esperá-la, eu me aplano sobre o muro que está diante da sua casa. O muro translada

umidade para as minhas costas. A umidade avança em direção à base do crânio e, pouco a pouco, vou me gelando. Os olhos ficarão detidos em um olhar rumo a Nora, ausente.

VOAMOS

COMO POSTA DIANTE de um apazível e inofensivo mistério, que pode sê-lo, com vontade de falar, que me falta, conta-me do seu gato.

É, sim. Claro que é; mas... Antes de tudo, como é órfão, recolhido por compaixão, ignora-se a sua ascendência. É gato e a água lhe agrada. Das acéquias não prefere os esgotos, mas sim a corrente barrosa. Lança-se ávido, pisa forte e esparge o líquido; afunda a goela e finge que bebe, mas não bebe, pois é por pura gulodice que age desse modo. Pode-se pensar que não é um gato, que é um cachorro. Também pela sua atitude indiferente em presença dos demais gatos. Mas é que igualmente se limita a observar de longe os cachorros e nem sequer se assanha diante de uma briga de rua. Como, ao emitir a voz, desafina espantosamente, e ademais é rouco, não se pode saber se mia ou late.

Finjo que me assombro. Mas não abro a boca, porque, se fizesse perguntas ou comentários, ela me perguntaria por que penso assim e teria de explicar e me complicar em um diálogo. Todavia já não fala comigo: fala consigo. Revisa o que sabe e quer saber mais.



É gato e a água lhe agrada. Isso não autoriza a concluir que seja um cachorro. Nem sequer está a questão em que seja cachorro ou gato, porque nem um nem outro voam, e esse animalzinho voa, há uns dias pôs-se a voar.

Eu espero que me pergunte se acredito que se trata de uma bruxaria. Mas não; ao que parece, não acredita nisso. Eu tampouco; embora pense assim. Ou melhor, pensei que ela pensava assim. Mas não.

— Você não está maravilhado?

— Sim; seguramente. Estou maravilhado. Como não. Estou maravilhado.

Poderia ficar maravilhado, como não. Mas não. Posso ficar maravilhado porque o gato-cachorro voa. Mas é que não apenas falo. Estou pensando. Penso que ela supõe que hei de ficar maravilhado porque o que acreditou gato pode ser cachorro ou o que pode ser gato ou cachorro pode ser uma ave ou qualquer outro animal que voe. Deveria ficar maravilhado porque o que se acredita que é, não é. Não posso. Por acaso fico maravilhado de que você não seja o que o seu esposo acredita que você é? Por acaso fico maravilhado de não ser o que a minha esposa acredita que eu sou? Seu animalzinho é um cínico, nada mais. Um cínico exercitado.

SUSPEITAS DE PERFEIÇÃO

CREIO EU QUE nada se opôs a mim porque, ao entrar e em todos os sucessivos registros, fiz constar que era professor por vocação. Pensaram que eu mentia, porque ali ninguém acredita na vocação, e como a mentira é uma das suas formas de expressão normais, aceitaram-me como um deles.

Como sou um vendedor nato, ideal, tanto que, para poder vender, onde não existe necessidade do que vendo, crio a necessidade, de nenhuma maneira me desalentou a falta de livrarias, clientes naturais dos livros que eu supunha em viagem atrás de mim, tampouco a comprovação subsequente de que ninguém sabia ler. Fiz o que teria feito se vendesse fogões a gás: ensinar o uso do fogão a gás. Consagrei-me ao ensino da leitura. Só ensinava a ler, não a escrever, visto que não vendia papel em branco nem canetas-tinteiro. Talvez fosse uma maneira escandalosamente mercantil de me comportar, mas eu julgava que não podia malograr a custosa viagem e esse cálculo, talvez por determinar as minhas ações com fatal exclusividade, não me permitiu apreciar devidamente o risco, do qual me havia noticiado o hoteleiro, inteirado, cauteloso e útil, como costuma ser o seu grêmio. Eu



me expunha, era perigoso o que realizava, segundo ele e segundo, também, o mistério que os meus alunos faziam a respeito do seu comparecimento às minhas aulas. Mas precisamente essa aceitação, por eles, da responsabilidade de acolher as minhas lições, contribuía para se confundir sobre a realidade do estado das coisas. Eu descuidava da noção de que, mesmo nas sociedades mais liquidadas, há quem deseja algo melhor e quem se anima a tentá-lo.

* * *

Por alguns dias, a tolerância ou o descuido, ignoro o quê, mantiveram-me impune; isso terminou quando os livros, ao chegar à fronteira, jogaram luz, como não podia deixar de ser, tratando-se de livros, acerca da minha pessoa e dos meus propósitos.

Suspensos os meus propósitos, minha pessoa foi levada a julgamento, ante um tribunal de homens mascarados e a cavalo em bestas cobertas de xairéis. Eu, no meio de todos, de pé, os pulsos apertados por uma corda. Nem a corda, nem os cavaleiros e seus disfarces de justiça conseguiam me transtornar tanto quanto o fedor de esterco constantemente revolvido pelos cascos dos impacientes animais.

Eu não tinha defensor nem me permitiam nomeá-lo e perguntei por quê.

— Porque, de qualquer modo, você será condenado.

— E qual será a sentença?

— A única que estabelece o Código: a morte.

— Então, se previamente vocês decidiram o meu julgamento, por que estão me julgando?

— Porque este é um país amante da justiça.

* * *

A fim de fazer economia na prisão, autorizaram-me a permanecer no hotel, à minha custa, até a data da execução.

Nesse dia, despertei bem cedo, com o burburinho das pessoas que chegavam para pegar um lugar e assistir à minha morte; e logo, com um tanto de curiosidade, misturei-me com o que seria o meu público.

Já, enquanto me penteava, havia escutado um canhão. Andando, escutei outro e vi, à luz do lampejo, o canhão, que apontava para o céu, mas a ninguém podia intimidar, a menos que fosse pelo estrondo, porque estava encerrado em um cercadinho de arame farpado, em um terreno salitroso e baldio que se espraiava à direita do caminho.

Interroguei um dos silenciosos indivíduos que marchavam cerca de mim sem sequer me dirigir um olhar e ele me informou que o canhão disparava para anunciar a minha execução, pois ela devia ser consumada com o maior sigilo, sem nenhum sinal exterior.

— É o costume — explicou, caso eu não estivesse satisfeito com as suas palavras anteriores.

— Ah, sim! Claro — declarei por minha vez, respeitoso do respeito aos costumes.

* * *

O justicamento podia ter sido vulgar; não foi, não só pelo ponto no qual se interrompeu, mas pela realidade, nova, ao menos para mim, do pelotão de execução. Era propriamente um pelotão: algo assim como uma pelota grande formada por milhões de formigas.

As formigas e as pessoas se saciaram quando eu estava puro osso. E, ao que parece, compreendeu-se de imediato que essas formigas não poderiam com os meus ossos, porque, na minha pre-

sença, sugeriu-se o emprego de cães, que não foi aceito porque, ouvi dizer, os cães não eram, nesse caso, um instrumento legal.

Diferiu-se, pois, a consumação do justicamento até que chegasse outro pelotão especializado. Eu, puro osso, mas com altivez adquirida pela consciência de que estava lhes dando um trabalho pouco comum, caminhei até a cela.

No curso dos dias de espera, entretive-me com a história dos trâmites, aparentemente menor, contudo não desdenhável para o ministro da Fazenda, que perdeu o cargo com máculas de indignidade. Havia sido resolvido que o pelotão viesse de uma famélica cidade no vale. O ministro se opôs argumentando que custaria menos trazer um pelotão da montanha, porque poderia descer rodando e, conseqüentemente, em menos tempo e com menor gasto. O ministro foi destituído, pois, como era razoável ali, nenhuma razão econômica podia se opor a um gasto para defender a sociedade de uma pessoa como eu.

No entanto, algo importou a opinião do ministro, pois afinal se ordenou a atuação de um pelotão de formigas voadoras. Para mim, isso seria proveitoso como eu não podia imaginar, ignorando, como ignorava, a insuficiência da força aérea do lugar.

Quando as formigas voadoras chegaram, afluíram, em circunspecto pelotão que naturalmente as obrigava a dobrar as asas, para me observar na minha cela, com o objetivo de formar uma idéia do trabalho que teriam no dia seguinte.

Talvez a disponibilidade de horas livres e algum espírito de inconformismo e, possivelmente, um incipiente ânimo de sublevação, que, sem dúvida, eu desconhecia e não conheci até vê-lo se manifestar em fatos, tenham-nas predisposto a escutar as queixas de que eu estava cheio. Mais até; é provável que me escutassem porque as minhas queixas não foram violentas, não podiam comprometer de modo significativo nenhum auditório, e

tinham mais o caráter da confiança e do lamento daquele que sabe que está falecendo, irremediavelmente, porém não perde de todo a sua integridade.

— Eu não nasci para este país — disse.

Era como uma explicação cortês, como uma desculpa, ante recém-chegados, pelo estado em que me viam.

Disse mais:

— Embora eu tenha nascido aqui e aqui tenha passado a minha infância, ao voltar, sem me sentir superior aos demais — ou, ao menos, sem fazer ostentação alguma de superioridade —, realizei algo que, se em essência era interesseiro, como toda a venda de um objeto, ainda que seja um livro, era também algo bom e necessário: ensinar a ler.

Comecei a perceber que encontrava eco e a compreender por quê: aqueles seres tinham asas; possuíam algo que torna possível não permanecer preso ao solo.

Disse ainda:

— Não sou superior a eles, mas careço da sua crueldade.

Observei que o pelotão se movia e percebi que, na realidade, estava afrontando as formigas, porque elas eram o instrumento obediente dessa crueldade.

Disse, então, aborrecido e disposto a terminar (a que terminassem comigo):

— Pois bem, coragem! Basta de lamúrias. Sou um dos sustentadores deste Reino dos Homens (que é pouco mais que um Mundo Animal). Que matem em mim, as feras, o que nelas desprezamos, condenamos e tememos, enquanto, na própria espécie humana, brotam e são exercidos, por indivíduos, por multidões, de instante em instante, ou por fases, a ferocidade, a impiedade, a densa estupidez, os imundos ou temíveis hábitos, o desígnio enganoso, o ânimo bélico e, na guerra e na paz, o sentido de

destruição e a vontade de opressão — até aí cheguei, exaltado, mas subitamente me interrompi em uma transição. — Mas, por piedade, salvem os meus ossos...

Aconteceu: o pelotão se desfez. Como se uma cálida lágrima tivesse chegado a uma superfície plana, mudou sua forma e se estendeu, transformado em convidativo tapete disposto a me receber e voar. E voou, levando-me, essa unidade aérea com impulsos de desafio à minha provocação e desobediência aos seus comandantes, que não sei aonde a conduziram depois, mas me conduziram até a fronteira — que a esquadrilha não decidiu transpor — de outro território, definitivamente diferente.

* * *

Tinha esse território, evidente desde os meus primeiros passos nele, um manso e caudaloso rio de leite. Mas o meu olfato experimentado percebeu que junto havia outra bebida e, com efeito, pouco me custou dar com um rio de vinho. Não obstante o segundo achado e sua tentação, decidi-me — possivelmente induzido pelo instinto de conservação — pelo rio de leite, e, nas suas ribeiras encantadoras, passei um tempo feliz de recuperação das minhas carnes. Talvez isso tenha significado para mim algo como uma nova representação da infância, muito melhor que a que tive e em contraste com as penúrias recém-sofridas, com o que, é muito provável, eu me acostumei mal.

Mal criado na minha segunda criação, o encanto de um prazer, em brinde natural e constante, preparou-me outra série de contrastes. Em um dia de calor, provei do vinho e reneguei do leite. Mudei-me para as ribeiras do rio de vinho e as segui, curso abaixo, exultante, extasiado com os câmbios que, no seu leito, produziam as horas do dia: era um clarete syrah ao amanhecer e, ao meio-dia, transformava-se em um sémillon tão fino e dou-

rado como os próprios raios do sol nesse momento; à noite, tinto cabernet ou denso barbera d'Asti.

Entrei em contato com as pessoas, em sucessivos povoados e terras cultivadas, e não podia entender sua sobriedade possuindo, como possuem, à vontade, um inesgotável rio de vinho. Para comer e participar da mesa familiar, bastava eu me apresentar em qualquer casa no momento adequado. A despedida, com seu ritual de se oferecerem para uma ou outra ocasião que eu escolhesse, afundava em mim o descontentamento como ante uma suspeita de perfeição que me era alheia. Pensei que, se fizesse algo, trabalhar, por exemplo, entraria nessa organização harmônica como enredado.

* * *

Propus a mim mesmo, então, um plano bélico orientado para perturbar o equilíbrio desse território. Ocorreu-me que, destruindo os seus ídolos, algo fundamental eu destruiria.

Uma das deidades gerais é a música e ela tem seu monumento no parque principal. Não é uma escultura, mas sim uma fonte de sons visualizados em cores. Para anulá-la, fabriquei pólvora e, por semanas e semanas, detonei bombas e baterias. Nada pude. Era como se a música saísse do coração das pessoas. Tentei distraí-las com fogos de artifício de curiosa variedade, aprendidos dos especialistas chineses de ofício milenar. Sempre se revelava mais fascinante a beleza das cores da fonte. Finalmente, eu me pus a murar o parque, sem esperanças e sem fé, fazendo por fazer, como sabiam todos os que me viam dedicado à empresa, a tal extremo que eu me achava assistido por unânime indiferença. Ao menos até ser chamado a julgamento, e mesmo assim, pois este julgamento, pode-se pensar, tem por objetivo, somente, tornar-me ajuizado.

* * *

O julgamento tem algo de feira regional e de jogos florais; feira regional, graças às barracas, às diversões mecânicas e à alegria geral; jogos florais, porque os advogados, tanto os promotores quanto os meus defensores, que são muitos, uns e outros, sucedem-se como em um torneio de poesia. Próximo do final, um dos defensores e um dos promotores, que ostentam, um e outro, grandes flores naturais e parecem ser os triunfadores na competição, convidam-me ao prosclênio e, como se eles fossem os juizes, sendo possível que tenham ganhado a faculdade de sê-lo, perguntam-me o que é que eu desejo. Por alguns momentos, não me ocorre uma resposta. Visto que os seus olhares, bondosamente, ajudam-me, abro a boca e digo algo que não pensava dizer:

— Amor...

— Você não recebeu amor das pessoas, pelo menos no nosso território?

Digo que sim e me enrubesço.

Então, eles compreendem e todo o auditório compreende e manifesta essa compreensão com olhos comovidos e uma brisa de palavras afetuosas.

A sessão entra em uma pausa de algumas horas.

* * *

Ao recomençar o julgamento, já não estamos no palco os três sozinhos, mas também estão umas trinta mulheres, quase todas elas muito jovens e muito bonitas, embora algumas decididamente não o sejam.

Quase não haveria necessidade de perguntar e, no entanto, pergunto:

— Todas elas querem casar?

— Todas elas querem casar com você. Há outras, não aqui, que querem casar, mas não com você.

— E todas as que estão aqui podem casar comigo?

— Todas podem.

— E eu posso casar com todas?

— Não! Só com uma, com a que você escolher.

— Ah.

Fico indeciso entre duas delas e, finalmente, peço-lhes que falem. Escolho a de voz mais cabalmente musical, sem pensar nesse fato, e, ao pensar e ver os seus olhos, compreendo que ela me ama e que eu a amo, e compreendo também que, se agora destruísse a fonte, seria como destruí-la e isso, para mim, resultaria impossível, por ser absolutamente doloroso.

Perguntam-me o que mais eu quero e digo:

— Dinheiro.

— Para que quer dinheiro? Se trabalhar, não será necessário.

— É que não quero trabalhar.

— Você é vagabundo.

— Não. Quero me retirar. Por algum tempo, ao menos, quero me retirar.

— Para onde você quer se retirar?

Digo que para o bosque, ao lado do rio de... Hesito um instante e, em seguida, afirmo que ao lado do rio de leite. Perguntam-me por quê e eu sei que, se dissesse que desejo me retirar para refletir, me diriam que sim, que posso fazer tal coisa. Mas não digo isso porque repentinamente me inibo para a mentira e então me dizem que não poderão me autorizar porque retirado, sem nenhuma atividade útil, correrei o risco de me devorar. Como estou ante um tribunal, calo, porque entendo que os tribunais hão de discernir o que é melhor para todos e, desta vez,

confio em que o tribunal assim há de atuar e percebo que, no número de todos, posso estar eu também.

Terei uma casa, para mim, para minha mulher e meus filhos, e poderei trabalhar e, além disso, aprender algum ofício ou alguma das belas-artes, segundo as possibilidades que as minhas aptidões me concederem. Essa é a sentença do tribunal e, em princípio, ela me conforma.

A casa estará muito próxima do riacho derivado do rio de vinho, junto a outro que nasce do rio de leite, e ante o jardim passará um canal de límpidas águas.

Enquanto exulto de tais perspectivas, e me ocorre que esses rios não existem dentro do território, porque não são algo que seja possível, mas sim dentro de mim — o que também é impossível —, irrompe o mais real, o até agora inominado quarto leito: o rio de sangue. Acovarda-me de súbito uma memória ruim. Penetrante, a visão de um dos meus juízes-cavaleiros alcança as imagens de horror — que não passei para palavras — do país onde o meu corpo foi descarnado.

É que um juiz, dos meus atuais juízes, está sorrindo para mim de um bondoso modo. E por quê, se vai dizer o que diz?

— Desejaria, hóspede, uma justiceira revanche?

Por que digo sim, se me propus dizer não?

Toda a festa sorri, com fervor e ansiedade, como a ponto de se soltar, quando o juiz, um ser de tanta fineza, propõe ou manda (não faz diferença):

— Você voltará ao outro país. Nossas hostes, com tanto amor armadas para as glórias da vitória, vão acolher com gratidão os seus conhecimentos do adversário e do seu solo, homem reconstruído.

ALGO DO MISTÉRIO

AS SENHORAS DIZEM que sou comum, mas simpático. Dizem isso e omitem dizer que bem gostariam de ter os meus olhos, seu tamanho, ao menos. Talvez por me verem com tanto olho, escolheram-me para este trabalho. Puseram ratoeiras e ratoeiros. Os ratoeiros somos nós, os gatos. Um jornal disse que, em um cinema, foi visto um rato que percorria de ponta a ponta o corredor. Como esta sala é pequena, encontra-se exclusivamente a meu cargo, com a colaboração, relativamente inoperante, de umas ratoeiras com mola.

Já me acostumei a esta vida e posso dizer que é uma boa vida. Tem seus aspectos duros, está claro. Será possível invejar, por exemplo, o calorzinho que desfruto aqui no inverno. O invejoso esquece que a calefação funciona somente durante os espetáculos. As noites, amigos, são aqui tão impiedosas como em uma moradia de operários. Sem dúvida, não é à noite que passo frio, pois então me resta a fuga para o teto, mais frio, certamente, contudo pletórico de amor. São as manhãs as insuportáveis, isto é, seriam as manhãs as insuportáveis, não fosse que então me servem a única refeição do dia.



* * *

Esta boa vida, simples e clara, apesar de se desenvolver entre as sombras, as noturnas e as necessárias para a projeção dos filmes, não é tão simples nem está ficando tão clara para mim. Aprendo com os filmes e com as conversas, aprendo. A bem da verdade, embora seja possível acreditar que não é assim e que só se trata de presunção, ao receber conhecimentos, sinto como se isso que se incorpora a mim já se encontrasse no meu interior e o escutá-lo, o vê-lo não fizessem nada mais que me fazer notar que eu o possuo. Toda aquisição se revela como um achado de algo meu. A cultura é para mim como uma devolução. Percebo que a cultura me era necessária e conatural.

Dáí, então, que, sem estabelecer comparações, eu me encontro, com certeza e prazer, no plano da vida superior. Já me vejo capaz de grandes coisas, a primeira delas, refletir.

Uma mãe diz para o seu filho, em uma matinê de cadeiras vazias, que não brinque comigo, porque posso machucá-lo. Essas palavras imbecis não encontram em mim o vácuo nem suscitam o rancor. Enchem-me de idéias que vão nascendo umas das outras, como luzes de Bengala. Penso que, como respondeu a criança à mãe, eu não lhe faço nada se apenas brincar comigo. Isso significa que sou inofensivo. Mas não o seria se me tratassem de outra maneira, tampouco sou inofensivo para os ratos. Os ratos, ainda que eles acreditassem se portar bem, e mesmo que se portassem bem, e mais, se todo o mal que fizessem fosse brincar comigo, o que não é nada mau, seriam minhas vítimas, de qualquer maneira, sem recurso algum. Poderia haver também gatos para as crianças. Gatos maiores que eles que os matassem, embora as crianças se portassem bem e apenas quisessem brincar com os gatos. Desse modo, acredito eu, haveria depois menos

homens infelizes. Assim seria também se causassem menos infelicidades uns aos outros. Os ratos não se machucam entre si; machucam os homens. Os homens seriam imperdoáveis, não fosse porque, embora se machuquem uns aos outros, também fazem o bem uns aos outros.

Posso refletir e posso fazer muito mais ainda. Vi, em um documentário sobre Roma, uma decoração mural com o tema de um mártir cristão que teve de sorver uma quantidade de chumbo derretido. Gostaria de fazer uma escultura que represente, não o mártir na sua integridade, mas sim o chumbo tal como ficou no seu corpo ao esfriar e, também, por cima dessa tortura de chumbo, os olhos do sacrificado. Eu faria isso, talvez o faça; mas não acerto de resolver como hei de suspender os olhos no ar.

* * *

Posso fazer tudo isso; sinto-me dotado para fazer tudo isso... E, o que me é mais difícil de resolver: encontro-me como exercitado para fazer. Da mesma maneira que essa prévia posseção de conhecimentos, há em mim algo como o precedente de numerosas realizações, e não minúsculas, mas sim magnas. Quase poderia afirmar, e afirmo, que algumas das obras de arte que andam pelo mundo são minhas, minhas, absolutamente da minha criação.

Eu fiz, por exemplo, está claro que com outro nome, um dos mais indiscutíveis filmes que foram exibidos neste cinema. Esse filme está colhendo elogios e admiração pelas salas de quanto mundo há, e, embora nunca se esgote o interesse desta geração por ele, ficarão guardadas, para o entusiasmo contínuo das sucessivas gerações, as cópias da cinemateca. Enquanto isso, como foi sempre desde um tempo atrás e sempre será no futuro, o meu filme é visto, estudado, discutido e, finalmente, louvado

de forma unânime nos clubes de cinema-arte. Os livros de história do cinema lhe dedicam capítulos e reproduzem fotografias das suas melhores cenas, apesar de que todas as suas cenas são as melhores. As maiores cortesias são para o argumentista e diretor, e o argumentista e diretor sou eu, embora todos ignorem a verdade. Quando, depois de séculos, alguém procurar situar corporalmente o argumentista e diretor que fez o famoso filme, dará com o desconcertante problema de que, atrás do nome fingido, está o anonimato. Com o desconcerto, virá um estado de ânimo subjugante, o da intriga.

Agora mesmo eu sinto isso, sinto já o prazer da incógnita a ponto de ser revelação que nunca se revelará e, mesmo sabendo que nunca há de se revelar, espera-se que se revele. Toma-me, como um manso lago, a voluptuosidade do mistério inofensivo, porque até eu mesmo desconheço que nome usei para assinar o argumento e me apresentar como diretor, e ignoro igualmente qual é, onde está, a minha excelsa, a minha bem-aventurada obra de cinema.

BISCOITO PARA TRAÇAS

PODE UMA PESSOA ser roída pelas traças, dizem, quando se retira, quando faz da solidão a sua companheira. Pode, sim; pode ser roída pelas traças. É o meu caso, como todos sabem.

Todos sabem, porque me vêem; todos, também, desconhecem as causas. A opinião generalizada — não obstante generalizada, acredito eu, incorreta — é que sempre resisti aos esportes ou, pelo menos, ao ar livre, ao campo ou, simplesmente, a qualquer esforço físico.

Talvez induza tais pensamentos o meu corpo, agora tão visível. É, possivelmente, o meu castigo. Nisto tem de consistir. Porque isto de traçar-se, este verbo rançoso que me ocorreu, tomou posse de mim como eu não podia esperar, sem nunca haver esperado, está claro.

A traça, esse exército cego e famélico, come, come, paciente, mas ativamente, quanta roupa eu ponho para me cobrir, sem dar alívio não apenas ao meu pudor, mas também às minhas carnes metalizadas pelo frio. Tudo é impossível contra elas. Qualquer trapo que caia em cima de mim suscitará, não digo o seu apetite, que deve ser implacável, mas a sua decisão de cumprir



uma espécie de abominável mandato que me persegue. Devoram; deixam-me com os braços cruzados sobre o peito; e desaparecem. Desaparecem; mas eu sei, avisado pela experiência, que sempre voltarão.

Nada posso contra elas, tampouco — Cristo! — posso contra mim. Não é apenas porque, ao pegar o revólver, as traças comeriam as balas, mas também porque quero viver. Eu quero viver. Não sei para quê; mas quero. A única coisa que peço é que me livrem das traças, que me permitam andar pela rua oculto, como todo mundo, dentro de um traje.

As pessoas não se acostumam e quase não me toleram. A princípio, eu cultivava a esperança de que se habituassem a me ver, como sucedeu com o homem sem pernas e tantos outros infelizes que estendem a mão, se é que a têm. Mas não. A única coisa que legalmente não me impedem é andar livremente pela rua, ir ao bar e ao cinema, ou aonde necessite, ou simplesmente queira me apresentar. Com essa disposição para o simbolismo que, com o pretexto de ultrapassá-la, elude a realidade, entendeu-se que eu, por algum desígnio que ninguém explica, sou o símbolo da pobreza. É um erro. Não se animam a ver a realidade pura e simples: estou sem roupas porque as traças as comem.

* * *

Próximo ao término deste mau ano, a reflexão sucedeu ao desassossego. A lucidez surgiu, talvez adulterada pela resignação, e dei com a pergunta-chave que poucos querem responder a si mesmos sensatamente: para que viver?

Ontem realizei a ação mais elementar: falar com elas. Pedi compaixão, sem entrar a perguntar se podem tê-la ou estão proibidas de exercê-la. Nada me responderam, talvez para não se comprometer; haviam se aproximado de mim e me circunda-

vam, como antes, quando eu tentava me cobrir. Isso, para o meu espírito necessitado de esperanças, foi o suficiente. Empreendi a parte mais conseqüente do meu plano. Visto que as traças comem as superfícies manchadas e escavam devorando, eu lhes disse que na minha vida havia uma mancha, localizada no peito. De tal maneira, calculei, se lograsse comover seu sentimento, poderiam me dar a necessária morte sem assumir maiores responsabilidades ante o seu mandante.

Agora estão comendo o meu coração, aí chegaram as penetrantes, e eu sinto, cada vez mais, um grande alívio, como se fosse entrando no sono, passinho a passinho...

O resto de coração que me sobra palpita de gratidão por esse ato de amor e, quando — ainda — penso no amor, ocorre-me, ignorando o porquê, que toda a minha culpa deve ter sido ocultar-lhe o meu corpo. À parte isso, que me digam, por piedade, me digam, o que pode ter cometido de aborrecível um rapaz de vinte anos?

A COMIDA DOS PORCOS

NELA IMPERA O desconsolo, seco e vago, quando todo o seu interesse esmorece e não é interessante além do previsível. Isso acontece sempre, porque sempre não se atreve até o fundo da aventura.

Era, meia hora atrás, só um mirante do rio, a larga morte de um caminho carroçável entre fortificações de barrancos e impensadas poças esverdeadas. Ah, mas acaso, o que é, senão uma taça de areia, a praia por onde se busca a conquista do mar? Sabê-lo constituía, ao fim, nada mais que a comprovação das negações não apetecidas, embora sim esperadas.

Mas, o que não era, pode ser, e ninguém sabe de que impulsos dotou, essa mulher inexplorada, aquele olho-d'água que manava limpo acariciando sem sensualidade as cadeiras de uma vegetação feita ao destino do seu ensimesmado mundo líquido. Na sua cabeça, que não anda sem comparações, era um abajur de cristal em um criado-mudo com tampa de mármore. Malograva o achado a infortunada transfiguração e, necessariamente, o seu ânimo teve de despertar para ver de sutil teia de aranha, de branca rede de gaze, a contenção posta aos porcos no chiqueiro.

Para além do curral, concentrava-se a marca pisada pelas patas das mulas que a fizeram, desafiadoras do rio, e lá essa vontade de solidão foi, ao menos uma vez, real.

Reduzida a sua guarda de capins, a margem formava defesa, também com os seus meios aquáticos, pois às águas paradas sucediam nesse ponto os córregos apressados. Pôs os pés neles e acabou ofendendo a sua pureza, uma pureza levada a tal termo que no seu seio se desenvolviam barbudas axilas masculinas, mas idealizadas em verde suave e transitável pelos dedos da água.

Entre os córregos e o rio, que estende os seus ruídos de desamparo contra o sono, o vento entabula contenda com o sol impalpável que lhe diz fique. E este ganha. Céu adentro, rebriha de prazer nas cúpulas emparelhadas de algum indecifrável edifício rural.

Então diz: “E, com a noite, hei de voltar para você, meu dono. Mas agora deixe-me, querido. Deixe-me. Você pode ser piedoso: deixe-me”.

Os porcos, com o seu afinado olfato, escolheram este momento para romper a teia de aranha e irrompem entre os pastos baixos.

Os três mais bestiais a disputam em uma contenda atroz. Ante a sua vista, perderam os caninos e incalculável sangue. Mas isso, para ela, que tanto conhece os homens, é indiferente. O vencedor compreende tal fato, mesmo antes de enfrentá-la. Talvez a vara de vime que traz nas mãos seja para as suas carnes, de qualquer maneira — ele ignora isso — inflexíveis.

SALVADA PUREZA

DE TODAS AS maneiras, já teria de haver interrompido a leitura. Devo me moderar, para não gastar demasiada luz elétrica; devo me moderar para dormir as horas precisas e não ser amanhã um repreensível empregado sonolento.

Tiraram o livro das minhas mãos os apaixonados gatos, os seres do amor belicoso e essencialmente noturno. Sob a lua, acredito eu, o amor pode ser mais idílico e pode ser mais bestial. Talvez a franqueza do sol propicie, dentro da relação, as revelações que conduzem ao tédio e ao desencanto.

Entre todos esses gatos, há de andar o meu gatinho, o meu Fuci, ignoro se idílico ou bestial, sem dúvida irreconhecível. Irreconhecível mesmo para mim, que cuido do seu desenvolvimento e o vejo inclusive nos meus sonhos, quando sonho que é leopardo. Eu o vejo leopardo, como se eu fosse um pai normal e o meu filho tivesse ido além dos meus desejos, tomando as proporções de um gigante. Pai normal, enfim, não poderia impedir que a minha voz interior o chamasse, singelamente, filho.

Assim chamo o meu Fuci-leopardo: simplesmente, Fuci. Fuci, eu lhe digo, como um cumprimento e como um carinho,

quando o visito nesse prado do parque onde reproduz o seu antigo costume de quando era gato. Quando era gato, ele se avizinhou, envolto em si mesmo, dormitando, ao pé de alguma panela, que cheirasse bem. Agora que é leopardo, dormita em um prado onde ciscam três galinhas, à espera, suponho, de que elas morram, para poder comê-las sem cometer excessivo delito. Na espera, avolumaram-se necessidades que, sem lhe fazer esquecer o seu anseio, embora o relegando à condição de uma esperança possivelmente frustrada, impuseram-lhe outra vida e outra situação. Sua situação é atualmente a do chefe de família. Vive, com os seus filhotes e a sua escolhida — que me produz a impressão de uma hiena e possivelmente é uma hiena —, em um forno abandonado, onde o prado extingue o seu verdor, que não pode entrar na terra salitrosa. Meu Fuci-leopardo não permite que ninguém se aproxime, exceto eu, embora a nossa comunicação sofra interferências pela presença da sua esposa, que nenhuma simpatia manifesta por mim. Eu me limito, então, a parar a certa distância do forno e olhar, nada mais, olhar, enquanto o nomeio: Fuci, como em uma conversa unilateral, confidente e compassiva. Porque agora vejo, no rosto triste e tenuamente severo do Fuci, o ônus das obrigações, e penso que, por mais leopardo que seja, no íntimo é apenas um gato e não se podem depositar tantas responsabilidades sobre um gato. Isso eu bem sei, pela minha experiência pessoal de homem.

Se agora regressa, dos tetos e da sua fração de amor, sentirá em mim, mais que a habitual proteção do homem ao gato, a solidariedade dos nivelados pelos problemas.

Deve ser ele e esta noite tem de ser leopardo, pela força e estupidez com que abre a minha porta.

Não.

Não é. É um homem, um homem de presença inexplicável. Tenho um segundo para saber que não necessita fazer nem



revólver, que eu não vejo, para me assassinar; e um segundo para saber que, sem ele, o céu, que descobriu abrindo a porta, poderia ser belo.

Por sorte, eu sou uma criança e ainda me restam muitos anos de vida.

Mas como livrarei o meu Fuci desse criminoso?

CAVALO NO SALITRAL

Agosto de 1924

O aeroplano vem toureando o ar.

Quando passa sobre os casebres que se arrimam à estação, as crianças debandam e os homens enrijecem as pernas para agüentar o repelão.

Já está do outro lado, perdendo-se ao rés do monte. As crianças e as mães aparecem como depois da chuva. Voltam as vozes dos homens:

— Será Zanni..., o voador?

— Não pode ser. Se Zanni está dando a volta ao mundo.

— E daí? Por acaso não estamos no mundo?

— É; mas isso ninguém sabe, além de nós.

Pedro Pascual ouve e se guia pelos mais inteirados: tem de ser que o aeroplano corta a passagem do “trem do rei”.

Humberto de Sabóia, príncipe do Piemonte, não é rei; mas será, dizem, quando morrer o seu pai, que é rei de fato.

Essa mesma tarde, dizem, o príncipe da Europa estará ali, nessa pobrezinha terra dos areais.

